

O DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL DE PHILIPPSON: OS JUDEUS DE SANTA/RS/BRASIL

MARIA MEDIANEIRA DOS SANTOS¹

RESUMO

O processo de construção do território gaúcho bem como sua identidade cultural está diretamente relacionado à interferência que as diversas migrações desempenharam ao longo do tempo no espaço sul-rio-grandense. No entanto, este trabalho vai salientar o grupo cultural judaico. Os judeus que adentraram em 1904 no território pertencente ao Município de Santa Maria foram os responsáveis pela formação da Colônia Philippson. A pesquisa teve como alicerce os seguintes objetivos: analisar a apropriação do espaço santa-mariense realizada pelos imigrantes judeus e focar como transcorreu o desenvolvimento territorial de Philippson. Para tanto, partiu-se de referencial teórico, direcionado para a temática em evidência e no segundo momento realizou-se o trabalho de campo. Quanto ao desenvolvimento territorial de Philippson pode-se dizer que, inicialmente, o espaço destinado para o seu desenvolvimento foi o meio rural. No entanto, a dinâmica territorial desencadeada pelos judeus culminou no seu direcionamento ao meio citadino. E o espaço da colônia adquiriu outras funções que se diferenciam proposta inicial. Os lotes dos colonos judeus foram vendidos, gradativamente, para: a construção de uma barragem, de um balneário e da BR 158, assim como para a instalação do Exército e da Brigada Militar e, por fim, a venda a particulares.

Palavras-chaves: Judeus; Philippson; Migração e Desenvolvimento Territorial.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria/ Centro de Ciências Naturais e Exatas/Dept° de Geociências /Núcleo de Estudos Regionais e Agrários. Santa Maria/RS.

EL DESARROLLO TERRITORIAL DE PHILIPPSON: LOS JUDÍOS DE SANTA/RS/BRASIL

MARIA MEDIANEIRA DOS SANTOS²

RESUMEN

El proceso de formación del territorio gaúcho así como de su identidad cultural está directamente relacionado a la influencia que las diversas migraciones emprendieron al largo del tiempo en el espacio *sul-rio-grandense*. Este trabajo destaca, pues, el grupo cultural judío. Los judíos llegaron al territorio perteneciente al municipio de Santa Maria en 1904, siendo ellos los constructores de la *Colonia Philippson*. Así, esta investigación objetiva: analizar la apropiación del espacio santa-mariense realizada por los inmigrantes judíos y plantear cómo transcurrió el desarrollo de la colonia Philippson. Para eso, se partió del referencial teórico, focalizado en esta temática y después se realizó el trabajo de campo. A cerca del desarrollo territorial de Philippson se puede decir que el espacio destinado para tal fue el medio rural. Sin embargo, la dinámica territorial desencadenada por los judíos los condujo al medio urbano. El espacio de la colonia adquirió otras funciones las cuales se diferenciaron de la propuesta inicial. Más tarde, los lotes de colonos judíos fueron vendidos, gradualmente, para la construcción de una represa de balneario, para la construcción de la BR 158, para la instalación del Ejército y de la Brigada Militar y, al fin, ocurrió la venta de tierras a otras personas.

Palabras-clave: Judíos; Philippson; Migración; Desarrollo Territorial.

² Alumna de Maestría del Programa de Postgrado en Geografía, Universidade Federal de Santa Maria/ Centro de Ciencias Naturales y Exatas/Dept° de Geociencias /Núcleo de Estudios Regionales y Agrarios. Santa Maria/RS.

INTRODUÇÃO

A construção do território gaúcho foi efetivada com a contribuição de diversos grupos culturais que adentraram em solo gaúcho. Neste sentido, o papel que as migrações desempenharam foi de suma importância tanto para o território de repulsão como o de atração.

O presente trabalho será desenvolvido em torno da discussão a respeito de como foi realizada a dinâmica territorial de Philippon desencadeada pelos judeus enquanto realidade e/ou concepção pertinente na compreensão dos complexos processos de migração, entendendo o migrante não apenas enquanto um sujeito econômico e um ente político, mas como um agente cultural ou identitário.

No que se refere à entrada de migrantes, ou seja, o aspecto da reterritorialização é relevante comentar que os imigrantes quando recém inseridos no novo espaço é vigente o fator da manutenção cultural. De modo que, os seus costumes e traços culturais representantes de sua cultura original podem ser visualizados de forma mais veemente.

O significado desta permanência cultural pelos grupos sociais é reconhecido como enraizamento cultural ou falta de plasticidade na inserção do território até então desconhecido. No entanto, com o passar do tempo se percebe que os mesmos já aglutinaram alguns traços culturais que pertenciam em uma primeira instância a outras culturas.

Isto delinea como os grupos humanos que pareciam estar enrijecidos adquirem outros hábitos e crenças culturais demonstrando a capacidade de mutabilidade e plasticidade que caracteriza o ser humano como único ser capaz de adquirir e transmitir cultura.

Quanto à diversidade cultural está pode-se ser visualizada nas diferentes usos de solo, que, conseqüentemente, acarretam paisagens dispares. Também há outras formas que servem como fator distintivo, principalmente, através das festividades, da gastronomia, das vestimentas e da musicalidade.

Há também outras características culturais como os costumes e tradições que são sentidos e de certa forma expressas por determinados grupos. Estas características culturais são consideradas como riquezas culturais imateriais.

A presença de uma diversidade cultural é perceptível no território sulino. Entre os fatores que contribuíram para este fluxo migratório foi devido haver espaços disponíveis no momento para a sua ocupação e grupos sociais dispostos a se inserir em novos territórios. Esta configuração territorial foi e é representada pelas diversas etnias que são as responsáveis pela configuração da identidade gaúcha atual.

No entanto, o presente trabalho analisa mais especificamente um grupo cultural, o judaico. Este é reconhecido oficialmente como o precursor que adentrou em território brasileiro e, conseqüentemente, no Rio Grande do Sul de forma organizada. O período que culminou com a vinda destes migrantes foi no início do século XX, ou seja, em 1904.

O Município escolhido foi o de Santa Maria em uma área pertencente à localidade de Pinhal. Estes acabaram formando a Colônia Philippson³. Convém destacar que a área correspondente a colônia desde 1995 integra territorialmente ao município de Itaara.⁴ Conforme (Ilustração 1).

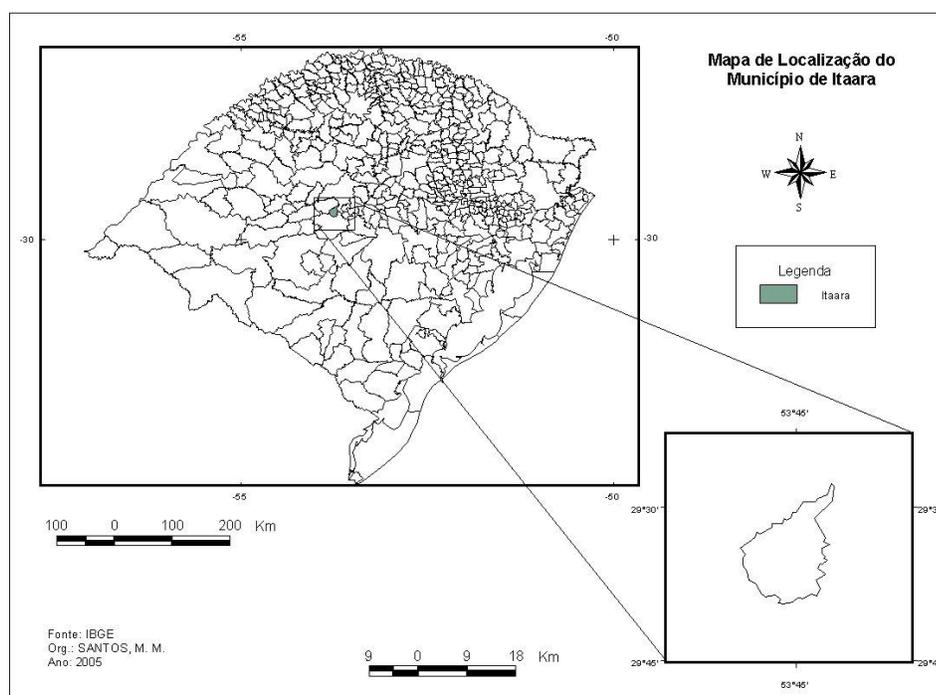


Ilustração 1: Localização do Município de Itaara no Estado do Rio Grande do Sul.

³ Esta denominação ocorreu em homenagem ao vice-presidente da ICA e presidente da Compagnie de Chemins du Fer - atuava no Estado como arrendatária da Viação Férrea do Rio Grande do Sul. Também conhecida como a primeira colônia agrícola no Estado localizada nas proximidades da linha férrea.

⁴ O município de Itaara desmembrou-se territorialmente de Santa Maria em 28 de dezembro de 1995 pela Lei nº 10.643. A área compõe a Microrregião Geográfica de Santa Maria (018) e encontra-se inserida na Mesorregião Geográfica Centro Ocidental Rio-Grandense (03).

A aquisição da área de Santa Maria, para a implementação da colônia judaica, foi realizada através da agência de colonização denominada como Jewish Colonization Association, ou ICA (Yidishe Kolonizatsye Gezelshaft, em iídiche)⁵. Para a sua colonização e efetivação a ICA deu oportunidade a vários judeus russos, da porção oriental da Europa, mais precisamente da Bessarábia, atualmente Moldávia, cuja capital era Kichinev. O destino era a transferência destes judeus para áreas agrícolas.

Entre os aspectos que proporcionaram a desterritorialização deste grupo étnico percebe-se que eles tiveram diversos motivos como: a miséria em que o povo estava submetido; aos seqüestros e aquartelamento de crianças judias; ao regime militar que se estendia em vinte e cinco anos; a instabilidade do Regime Czarista; os *pogrons* e as perseguições em que estavam submetidos. Estes foram os principais fatores que desencadearam a dispersão judaica que culminou na inserção de judeus no cenário gaúcho.

A reterritorialização dos judeus em solo gaúcho foi possível graças à política do governo que se enquadrou no período da conhecida “política de branqueamento”. Os objetivos do governo para este grupo cultural eram instalá-los em uma área “despovoada”, até então, e também utilizá-los como mão-de-obra livre, em pequenas propriedades com o cultivo de produtos primários.

É importante salientar que existe um diferencial da imigração judaica em relação às demais correntes migratórias como a dos italianos e a dos alemães. Estas etnias tinham como fator determinante para emigrar o viés econômico e como finalidade principal o “sonho de fazer a América”, ou seja, constituir fortuna para depois retornar aos seus países de origem.

Em contraposição os judeus tiveram como fatores desencadeadores para a sua desterritorialização vários motivos. Deste modo, evidencia-se que além dos problemas econômicos os judeus sofreram de perseguições religiosas e sociais que vivenciavam de maneira constante. Diante disto, os judeus não possuíam o intuito de retornar aos países de origem. O objetivo principal deste grupo étnico residia em encontrar um território livre dos preconceitos anti-semitas onde pudessem ter liberdade em todos os sentidos.

⁵ Conhecida como a mais poderosa das instituições de amparo aos imigrantes judeus, fundada por Maurice de Hirsch, em 1891.

A pesquisa enfoca a imigração judaica visto que a maioria ou quase totalidade dos estudos são direcionados a outros tipos de imigrações, como exemplo, à dos alemães e dos italianos no Rio Grande do Sul. Convém salientar que estas imigrações, citadas anteriormente, abrangeram proporções maiores quanto ao número de pessoas, quando comparadas às demais. Contudo, outras culturas também vieram compor e delinear o território gaúcho, como os judeus, os açorianos, os libaneses entre outros.

A importância deste assunto liga-se a Geografia Cultural a qual estuda a apropriação do espaço por determinado grupo social, neste trabalho, os judeus de Philippon/Santa Maria/RS.

A abordagem da Geografia Cultural é um novo enfoque na Geografia e tem como finalidade estudar a maneira com que os homens modelam a terra para responder as suas aspirações, tem-se como consequência à construção de identidades culturais distintas.

Neste contexto, o estudo das migrações, especialmente pelo seu viés cultural, permite obter importantes contribuições para o estudo das novas territorialidades em formação no mundo contemporâneo. Os autores Haesbaert; Bárbara (2001, p.1) nos dizem que um dos processos sociais contemporâneos que dá maior relevância ao estudo da dimensão cultural “é aquele que envolve a dinâmica migratória, cada vez mais destacada no cenário mundial globalizado”.

AS (DES) E (RE)TERRITORIALIZAÇÃO DOS JUDEUS: DE COLONOS A CITADINOS

As diferentes facetas culturais presentes na paisagem sulina foram desencadeadas, em parte, pela decorrência dos diversos fluxos migratórios. Estes foram os responsáveis pela contribuição de algumas peculiares culturais que acarretaram uma identidade territorial no solo gaúcho.

A efetiva inserção populacional dos judeus no sul do Brasil só foi concretizada devido às concessões políticas concedidas pelo governo que tinha como objetivos principais: o preenchimento da mão-de-obra, o abastecimento do mercado interno

com produtos primários e também a efetiva ocupação do território sulino. Também se deve salientar a importância que a Agência de Colonização denominada de Jewish Colonization Association (JCA) ou (ICA) teve ao financiar e auxiliar na desterritorialização dos judeus que, conseqüentemente, formaram a Colônia Philippson.

As ações políticas implementadas pelo governo brasileiro que contribuíram para a entrada de estrangeiros, principalmente europeus no Brasil e conseqüentemente influenciando nas configurações espaciais do Rio Grande do Sul. Neste sentido, Brumer (1994, p. 19) salienta que

A partir de 1808, com a abertura dos portos as nações amigas de Portugal, tornaram-se possível à entrada de estrangeiros no Brasil. No Rio Grande do Sul, a ocupação do território passou a ser incentivada através da colonização com base em imigrantes europeus, com vistas à produção agropecuária e ao empreendimento de espaços ainda não ocupados, principalmente na zona da mata.

O direcionamento do grupo judaico inseriu-se dentro desta proposta, ou seja, a colônia Philippson estava assentada, essencialmente, em dinamizar e desenvolver as porções do território santa-mariense em atividades agropecuárias. Portanto, realizar um desenvolvimento territorial rural. Brumer (1994, p.19) salienta que “A imigração coletiva de judeus para o Rio Grande do Sul, foi iniciada no começo do século XX, teve originalmente um destino rural”.

O papel das propagandas desenvolvidas pelo governo brasileiro foi de suma importância dentro da perspectiva de atrair os judeus do Império Russo para participar deste projeto. As idéias contidas nas imagens foram persuasivas no sentido de direcionar os judeus para o desenvolvimento do território dentro do espaço rural. Isto fica exposto pelo autor Iolovitch (1987, p. 9) da seguinte forma “[...] lindíssimos prospectos com ilustrações coloridas, descreviam a excelência do clima, a fertilidade da terra, a riqueza e a variedade da fauna, a beleza e a exuberância da flora, dum vasto e longínquo país da América”.

As terras foram adquiridas em 1900 através da análise e seleção pelo agrônomo Lapine. O espaço destinado para a implantação desta colônia localizou-se próximo da linha férrea, ou seja, entre as mediações de Santa Maria e Passo Fundo. Dentre os fatores para a escolha, desta área se justifica pela mesma coincidir paralelamente com a via férrea. Desta forma, pode-se inferir que esta escolha beneficiaria o escoamento da produção agrícola. Paralelamente esta opção também

vem ao encontro dos interesses da agência no que se refere à extração da madeira bem como a manutenção dos dormentes da via férrea.

Os colonos de Philippon receberam lotes de dimensões que variavam 25 a 30 hectares e destinavam para o cultivo de produtos primários como o amendoim, o fumo, o trigo, a batata, o feijão e a plantação de árvores frutíferas. A utilização da policultura foi à base para a subsistência deste grupo (GERALDINO, 1992).

Em um primeiro momento pode-se dizer que o cenário de prosperidade liderava dentro do desenvolvimento territorial da colônia. O bom desempenho nas lides agrícolas dos colonos culminava com o propósito a que foram destinados. Os colonos judeus atingiram grandes safras com a policultura. Estes produtos serviam para abastecimento local, bem como subsídios de alimentos para a população de Santa Maria.

Segundo, Beltrão (1979, p. 442) o período de permanência dos colonos data de “[...] até 1908 a colônia estava em franca prosperidade, mas logo começou a deserção dos colonos, atraídos pela cidade e pelo comércio, a Colônia Philippon foi rapidamente definhado”.

A agência de colonização, no decorrer do tempo, adquiriu conhecimento sobre as dificuldades que os colonos de Philippon estavam submetidos. Sendo que, o decréscimo da produção agrícola foi acarretado por diversos fatores.

Num referido documento enviado para a ICA é ressaltada a dificuldade de adaptação dos colonos vindo da Europa. Isto pode ser visto através das palavras de Eizirik (1984a, p.67) que expõe a questão da adaptação dos imigrantes judeus “[...] sem ter a menor noção da agricultura brasileira, bem mais difícil que a agricultura européia. Muitos abandonaram ao plano de colonização, mas os que ficaram constituíram um bom núcleo de agricultores [...]”.

Neste sentido, a ICA teve como iniciativa enviar um engenheiro agrônomo para estudar “in loco” o tipo de solo que os colonos judeus dispunham para plantar. A idéia inicial da agência residia na interferência dos conhecimentos do agrônomo na área enfatizada com o intuito de indicar o melhor manejo da terra para que os colonos pudessem adquirir, nas próximas safras, melhores rendimentos com os produtos agrícolas.

Os agrônomos realizaram estudos com amostras de terras nos lotes dos colonos diagnosticando a baixa fertilidade do solo. Então, eles delinearam a pecuária como alternativa para o desenvolvimento econômico destas terras. Através

deste novo direcionamento do uso da terra os judeus tiveram a necessidade de construir uma cooperativa de laticínios.

Segundo Alexandr (1967, p.31), ressalta-se que

Visitaram colono por colono, constataram que a terra daqueles campos não prestava para o plantio e sim para a pecuária. Aumentaram para dez o número de vacas de cada colono. E anexo ao prédio da administração. Fundaram a cooperativa de laticínios, para onde deveria ser levado o leite produzido, a fim de transformá-lo em manteiga e queijo. Estes produtos eram vendidos ao governo do estado. Com o dinheiro ganho desta transação os colonos amortizavam a dívida com a ICA.

O administrador Abrahanel vendo as dificuldades que os colonos enfrentavam idealizou e fundou uma usina de laticínios, que funcionava como uma cooperativa. No processo, o leite seria industrializado, e produziria os derivados a serem vendidos na zona urbana [...] as vacas eram de má qualidade da raça crioula e foram criadas apenas com o pasto do campo, e numa pequena área. Não havia rações ou alimentação adequada para melhorar a produção de leite por tudo isto a cooperativa fracassou (SOIBELMANN, 1984).

Uma alternativa que os judeus tiveram a fim de manterem-se nestas terras foi à troca dos lotes entre si. Para Alexandr (1967, p. 20) isto pode ser percebido “Com o correr do tempo perceberam que aqueles campos não constituíam bons pastos para o gado e que a terra, estéril que era não se prestava para a lavoura. E começaram as demandas para a troca da colônia”.

Os desequilíbrios do tempo e a peste foram outros empecilhos que sucederam em Philippon. A estiagem atrelada a uma invasão de insetos predadores prejudicou, diretamente, a produção da lavoura. E por fim, notou-se que animais foram dizimados na colônia era a inserção de uma peste desconhecida. Estas catástrofes contribuíram para o desânimo dos colonos.

Estes fatos avassaladores ocorridos em Philippon refletiram diretamente nas safras que seriam colhidas pelos colonos. Esta trajetória é descrita por Alexandr (1967, p.175-176) a seguir

Todos se queixavam de seca prolongada e de quanto isso prejudicava as lavouras. De súbito gritaram... gafanhotos....estes invasores em quantidade destruíam as árvores, os pastos e as plantações. Mas o cálice de amargura não tinha acabado. As galinhas começaram a morrer dizimados por uma peste. As vacas por falta de pasto emagreciam, o leite secava. Os riachos secavam. O alimento em casa escasseava de dia para dia, apesar da sabia administração da mamãe. Nas roças dizimadas obtínhamos o custo de

poucas espigas de milho. Cavocávamos o solo a fim de arrancar as batatas e, com grande decepção, verificávamos que estavam podres.

Deste modo, pode-se dizer que as várias intempéries físicas que ocorreram em Philippon contribuíram para o deslocamento populacional, ou seja, o êxodo rural. Contudo, há outros elementos que devem ser analisados quando se almeja o desenvolvimento territorial que é o alicerce humano. No caso do desenvolvimento territorial que tem como objetivo primordial a exploração da atividade agrícola está será desempenhada por determinados grupos sociais. Por isso é que se devem considerar as características histórico-culturais dos respectivos grupos que serão os responsáveis por dinamizar certo território. Pois, para atingir um bom desempenho no desenvolvimento territorial têm-se que ir além de uma análise parcial e reducionista apontando somente os atributos físicos como os responsáveis por determinados resultados.

O embasamento das habilidades e do histórico-cultural dos judeus é de fundamental importância para o entendimento dos fatos que interferiram na atuação dos colonos no trabalho agrícola, assim como na trajetória da colônia agrícola.

Nas colocações de Soibermann (1984, p. 39) o autor transcreve como era realizado este trabalho na colônia

O trabalho na agricultura foi árduo, uma vez que os colonos, de modo geral, não estavam habituados às lides da terra. A maioria dos que emigraram não eram agricultores, e sim componentes da classe média urbana, provenientes de lugarejos, os chamados *darf*- povoados, aldeias da Bessarábia.

No território de repulsão haviam as leis impostas pelos czares aos judeus que contribuíram para a inserção em determinadas atividades profissionais. No governo de Alexandre III se pode verificar que surgiram certas leis impostas aos judeus como a proibição nas lides do campo. Este ato propiciou aos judeus a procura de desenvolver outras atividades e profissões para a sobrevivência. Então, o ambiente citadino foi à alternativa mais convincente para eles, já que o meio rural era de repulsa para estas pessoas.

Em uma entrevista realizada por Moysés Eizirik com o imigrante judeu conhecido como Sr. Jacob retrata como era a vida na Rússia, bem como as leis que proibiam a inoperabilidade dos judeus com a terra. Com relação a isto para Eizirik (1984a, p. 67) Jacob relatou o seguinte

Que quando vivia na Rússia, já havia trabalhado com seu pai em plantação agrícola, embora isto fosse por lei proibido naquele país. Os judeus não podiam possuir, nem alugar terras. É por este motivo que se dedicavam a outro tipo de atividade, como alfaiates, marceneiros, sapateiros, artesãos, ou ao pequeno comércio de compra e venda de produtos nas feiras. Duas tentativas de realizar plantações, através de amigos russos, resultaram na perda total da colheita e na prisão de seu pai por infringir a lei.

O imigrante Wolff também foi um dos judeus que fez parte do grupo organizado pela ICA, e, por conseguinte, as atividades agrícolas fizeram parte de seu cotidiano na colônia. Entretanto, existiram leis que restringiram, em seus territórios de origem a operação em atividades agrícolas. Para Eizirik (1984a, p.125) “Os seus pais saíram da Rumânia e tinham conhecimento da agricultura. Viviam dos produtos que plantavam em área arrendada dos gentios, pois para os judeus era proibido ser proprietário de terras”.

Os imigrantes judeus de Philippon foram destinados à colônia agrícola e no envolvimento de trabalhos com a terra e/ou com o gado. Logo estas atividades eram cruciais e fundamentais para a sobrevivência dos colonos. Porém, as lides do campo como a pecuária, desde cedo, os imigrantes demonstraram a inabilidade para tal tarefa. Assim, Alexandr (1967, p. 19) relata que “Uns dias após a instalação do novo lar buscavam o gado a que tinham direito no pasto da administração. O peão ensinou-lhes a tirar leite. Logo, manifestaram a incapacidade para a este tipo de serviço”.

O comentário de um imigrante judeu esclarece a forma de como foi à trajetória na colônia Philippon. Fato que ficou explícito nas falas de Marcos Iolovitch que foram relatadas Scliar (1990, p.29) assim “Passamos na colônia três anos de grandes provações [...] de duras experiências [...] de tentativas e fracassos [...]. Não sabíamos amansar o gado nem tratar a terra. O resultado foi um verdadeiro desastre”.

Entre estes se acentuou, para Cohen (1980, p. 83) o predomínio do indivíduo em Philippon com as seguintes características

Não agricultor, já que, em sua maioria, eram indivíduos oriundos da pequena classe média urbana, que não receberam um apoio no uso adequado do solo. Este fato foi acrescido de uma possível fuga do campo para áreas urbanas mais próximas.

A situação desfavorável em que os habitantes de Philippon vivenciavam na colônia levou-os a emigrarem deste território. O novo foco para a nova

reterritorialização dos colonos foi o direcionamento para o espaço urbano. As vantagens e atrativos que a cidade oferecia eram vantajosos em contraposição com o cenário em que vivenciavam no espaço rural.

Um corte temporal definitivo para delimitar a data quando foi extinta a colônia Philippon é algo que não se pode fixar. Entretanto, Beltrão (1979, p.442) delimita o tempo de duração desta colônia “[...] não foi além de 1920, durando portanto uns 16 anos. Em 1923 já devia ser grande a comunidade judaica de Santa Maria, porque a 9 de setembro desse ano era lançada a pedra fundamental da sinagoga”.

À medida que os colonos iam saindo de Philippon, vendiam suas colônias aos que teimavam em permanecer. Nota-se que a área da colônia foi gradativamente aglutinando-se nas mãos de poucos colonos. Para Beltrão (1979, p.442), os mais importantes compradores foram “Leizer Steimbruch, Benjamim Steimbruch, Jaime Brillman e Jerônimo Zelmanovitz foram adquirindo os lotes dos outros colonos, acabando por ficarem donos de toda a área da colônia”.

A dinâmica do desenvolvimento territorial continuou-se se alterar, pois as áreas aglutinadas por estes judeus foram vendidas a outros destinatários. Beltrão (1979, p. 442), retrata as seguintes funções adquiridas

Em 1929, mais ou menos a Intendência de Santa Maria adquiria de Jerônimo Zelmanovitz 500 ha, para a construção da primeira barragem do Ibicuí; Leizer Steimbruch alugou e depois vendeu a Brigada Militar a grande parte de sua área, para servir a internada; por volta de 1950 ainda Zelmanovitz vendia parte de sua área para ser construída a segunda barragem do Ibicuí, em Filipson; mais tarde o mesmo Zelmanovitz loteou o restante de suas áreas, para dar lugar ao balneário Jardim da Serra, e Jaime Brillman e seus herdeiros venderam parte de sua área e conservou outra.

Neste sentido, o esvaziamento populacional da colônia sucedeu de forma gradativa e por faixa etária no tempo e no espaço. Primeiramente, os jovens foram os mais audaciosos na sede em mudar as suas vidas. Eles direcionaram-se para as cidades, e, logo após, também decidiram a mudança os mais velhos. Com isto o espaço da colônia alterou-se profundamente. Segundo Alexandr (1967, p.137-164.)

Mas a colônia ia-se despovoando. Ao longo das estradas, dos corredores de arame farpado, deparava-se cada vez mais com casas abandonadas. Pouco apouco, a colônia de Filipson ia-se despovoando, permanecendo ali somente os velhos e as crianças, os quais, por sua vez, na primeira oportunidade cuidavam de juntar-se aos quais tinham ido. Alguns de nossos vizinhos acompanharam os filhos, deixando campos e casas abandonadas. Estas começaram a ser habitadas por famílias de roceiros ou serviam de pernoite a

criaturas sem eira nem beira que perambulavam, maltrapilhas de colônia em colônia, esmolando um prato de comida.

Entre os motivos responsáveis pela busca de novos espaços refere-se aos escassos resultados obtidos com a agricultura. Isto fez com que a maioria dos filhos homens procurasse outros meios para ajudar a subsistência da família. Diante desta perspectiva Soibelman (1984, p. 49) nota-se que ocorreu uma mudança significativa:

Alguns se tornaram mascates, isto é compravam mercadorias variadas (fazendas, utensílios de casas, roupas e miudezas em geral) e saíam a cavalo. Com essa mercadoria percorriam as estâncias e colônias próximas a Phillipson, vendendo e trazendo algum dinheiro para melhorar a situação afiliva dos pais.

Outro pretexto que interferiu na decisão dos jovens em buscar outros espaços remete-se à questão da necessidade de estudar. Neste caso, convém destacar que o estudo da colônia ia até o curso elementar. Por isto eles seguiram para as cidades, na busca de melhores condições para estudar e trabalhar. Assim, Eizirik (1984, p. 33) remete a nova trajetória que os mais jovens tomaram: “Os filhos dos colonos tornado-se pessoas jovens e adolescentes iam para Santa Maria para estudar, ou trabalhar”.

Os jovens deslocaram em busca do caminho do saber. Ao chegarem na sede do município foram estabelecendo-se com comércio, formando loteamentos. Pequenas indústrias de confecções foram criadas. Os jovens procuraram trabalho e condições para também estudarem. De acordo com Verba (1997, p. 32) os judeus são conhecidos da seguinte maneira “Como o povo do livro (...). Santa Maria era, já em 1919, um centro cultural do estado, onde funcionavam várias escolas do ensino básico”.

O município de Santa Maria foi um das alternativas para o novo direcionamento dos judeus, contudo, não o único. Pois, existiram outros pólos de atração para o desencadeamento da mobilidade populacional judaica da colônia Phillipson. Nesta visão Gritti (1992, p. 65) comenta dos seguintes municípios

Outras cidades como Erechim, Rio Grande, Santa Maria e Passo Fundo, representam também uma alternativa aos colonos que abandonavam a zona rural, procurando novas possibilidades para as suas vidas. São regiões que estavam próximas das colônias agrícolas.

Muitos judeus provenientes das colônias também se transferiram para Porto Alegre, juntando-se a um número crescente de judeus que, diretamente de seus países de origem, se dirigiam por conta própria para a capital, atraídos pelo fato de que a região já contava com uma pequena comunidade judaica.

Os primeiros imigrantes que chegaram a Philippon tinham por aspiração e ambição proporcionar uma vida melhor a seus descendentes, por isto eles incentivavam seus filhos ao estudo e sua inserção em atividades liberais, comerciais e industriais. O resultado é notório em relação ao mesmo, visto que os seus descendentes conseguiram emergir no espaço considerado.

Para Verba (1997, p. 37) isto fica evidenciado nas profissões assim destacadas

Com o passar dos anos a comunidade judaica originária de Philippon foi conquistando respeito e posição, saíram os primeiros profissionais liberais, como advogados, médicos, contadores, foram se integrando a vida do estado.

As pessoas que se disponibilizavam em aceitar as propostas da ICA, que residia em implementar colônias agrícolas em território sul-rio-grandense, estavam, conseqüentemente, se predispondo a enfrentarem as atividades direcionadas as lides do campo. Lesser (1994 *apud* GRITTI, 1992, p. 61) afirma que

Esses judeus fugiram da perseguição cotidiana e aceitavam a agricultura, na qual tinham pouca ou nenhuma experiência, apenas como condição para sua fuga. Os judeus nunca compartilharam do sonho de voltarem ricos- o sonho de "fazer a América". A imigração para o Brasil era o início de uma nova vida que jamais poderia incluir uma volta para casa.

Os judeus que emigraram da antiga Bessarábia estavam conscientes que passariam por algumas dificuldades no território do Rio Grande do Sul. No entanto, o direcionamento para o meio rural, inicialmente, foi um alternativa viável na busca de uma vida nova em solo gaúcho. Pois, funcionou como uma espécie de refúgio para os judeus que, permanentemente, atravessavam por diversas perseguições e sinais de desconfortos nos territórios de repulsão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os judeus inseridos em Philippson tiveram como proposta inicial o desenvolvimento deste território sulino através de práticas agrícolas. Embora a maioria deles fosse proveniente das cidades e não tivesse experiência previa nesta atividade era uma alternativa viável em contrapartida da situação em que estavam vivenciando em seus países de origem. Pode-se afirmar que um dos grandes atrativos para a inserção deste grupo cultural em território brasileiro foi não presença de características anti-semíticas.

O grupo judaico desempenhou a função agrícola nos primórdios através do cultivo da policultura do milho, do feijão, do fumo e da batata. Porém, no decorrer do tempo a produção tornou-se desanimadora. Isto refletiu na necessidade de encontrar alternativas para suprir a colônia. Desta forma, foi necessário que os judeus buscassem outras atividades econômicas como a pecuária. Paralelamente, optaram pela construção da cooperativa de laticínios.

O desencadeamento do núcleo agrícola de Philippson foi modificando-se, pouco a pouco. Os judeus começam a abandonar a área rural e procurar áreas urbanas mais próximas, como alternativa a cidade de Santa Maria foi uma opção. Isto aconteceu em parte pelo esgotamento do modelo econômico proposto, quando do início a colonização e também por uma necessidade de ascensão social.

Percebe-se, então, que o espaço destinado para o desenvolvimento rural da colônia pelos imigrantes foi gradativamente alterando-se. Os lotes foram vendidos para a construção da barragem Rodolfo Costa e Silva, da BR 158 e do balneário Jardim da Serra, assim como para a instalação do Exército, da Brigada Militar, e, por fim, a venda dos lotes a particulares.

Os espaços que os judeus procuravam eram aqueles onde eles pudessem desenvolver atividades profissionais mais conhecidas por eles, como pequenos negócios e comércio. Além disto, nas cidades, existia uma realidade diferenciada, que proporcionava assistência nos mais diferentes aspectos: econômico, profissional, educacional e cultural.

Embora, a migração possa ter o interesse em desenvolver o eixo rural, ela pode no decorrer do tempo, integrar-se e contribuir para o desenvolvimento urbano. Este fato ocorreu com os judeus em Santa Maria que, inicialmente, tinham uma

proposta do desenvolvimento do território através de atividades agrícolas. Contudo, este enfoque alterou-se culminando com a interferência do desenvolvimento territorial urbano através da ascensão do comércio em Santa Maria, principalmente na Avenida Rio Branco.

Deste modo, infere-se que a significância deste grupo cultural é demonstrada nas variadas formas como estes espaços foram apropriados. Tal significado nos remete a um conjunto de atitudes, valores e traços culturais materializados no território santa-mariense representados pelo cemitério Israelita localizado no Bairro Chácara das Flores, pela Sinagoga situado à rua Otavio Binato e nas lojas comerciais localizadas, principalmente, na Avenida Rio Branco, entre outros

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDR Frida. **Filipson**: Memória da Primeira Colônia Judaica no Rio Grande do Sul. São Paulo: Fulgor, 1967.

ASHERI, Michael. **O Judaísmo Vivo**: as tradições e as leis dos judeus praticantes. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

BRUMER Anita. **Identidade em mudança**: pesquisa sociológica sobre os judeus do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 1994.

_____ A identidade judaica em questão. In: **A paixão de ser**: depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998. cap. 5, p. 174-189.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999. Título original: Lá Geografic Culturelle.

_____ As abordagens da Geografia Cultural. In: **Explorações Geográficas**: percursos no fim do Século. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.p.89-117.

COHEN, Regina. **A imigração judaica no Rio Grande do Sul**. In: Rio Grande do Sul: Imigração & Colonização. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 67-90.

CORREA, Sílvio. Migração e a (re) construção do capital social. In: **Capital Social e Desenvolvimento Regional**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 302-334.

COSTA, Geraldino da. **A imigração judaica no município de Santa Maria**: Colônia Philippson. Santa Maria: UFSM, 1992. 29p.

EIZIRIK, Moysés. **Imigrantes Judeus: Relatos, Crônicas e Perfis**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana; Caxias do Sul: EDUCS, 1984 a.

_____. **Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana; Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

GILL, Almeida Lorena. **“Clienteltchiks” os judeus da Prestação em Pelotas (RS) 1920-1945**. 1998. Dissertação (Pós Graduação em História)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

GRITTI, Rosa Isabel. **A imigração judaica para o Rio Grande do Sul: a Jewish Colonization Association e a colonização de Quatro Irmãos**. 1992. Dissertação (Pós Graduação em História)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

GOMES, Paulo César. Identidade e Exílio: Fundamentos para a compreensão a cultura. **Espaço e Cultura**, n. 3, p. 5-29, 1996.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste**. Niterói: EDDF, 1997.

HAESBAERT; Rogério; BÁRBARA, Santa Jesus de Marcelo. **Identidade e migração em áreas transfronteiriças**. In: Geographia, Ano III, nº 5, 2001. Disponível em: < www.uff.br/geographia/rev_05/rogerio5.pdf. > Acesso em 13 abril 2008.

IMMANUEL, Jacob. **Quem é judeu?** Tradução de Ricardo Gouveia. Canadá: Shofas association of América, 1987.

LOPES, Osório. **O problema judaico**. Rio de Janeiro: Vozes, 1942.

NICOLAIEWSKY, Eva. **Israelitas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Garatuja, 1975.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília. França. São Paulo: Ática, 1993.

REVISTA HERANÇA JUDAICA. São Paulo: B`NAI B`RITH , sv , n. 97, abr. 1997.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.

_____; SILVEIRA María. **O Brasil: território e sociedade no início século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Espaço e método.** São Paulo: Nobel, 1985.

SAUER, C. Geografia Cultural. **Espaço e Cultura**, n. 3, p. 01 - 07, 1996.

SCLIAR, Moacyr. **Caminhos da esperança:** a presença judaica no Rio Grande do Sul. 2 v. Porto Alegre: Riocell, 1990.

_____. **A condição judaica:** das tábuas da lei a mesa da cozinha. Porto Alegre: L & PM, 1985.

SOIBELMANN, Guilherme. **Memórias de Philippon.** 1 ed. São Paulo: Canopus, 1984.

UNTERMAN, Alan. **Dicionário Judaico de lendas e tradições.** Tradução de Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

VERBA, Arão. **Resgatando a memória da primeira imigração judaica para o Brasil:** Colônia Phillison-1904. Porto Alegre: Evangraf, 1997.

WOLFF Frieda & WOLFF Egon. **Judeus e Judaísmo vistos por não- israelitas.** Rio de Janeiro: Vozes, 1990.